

Escrevo como mulher: uma carta que borda outras lógicas

I write as a woman:
a letter that embroiders other logics

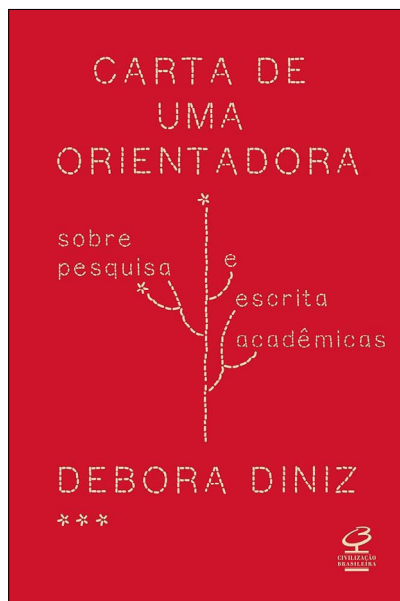
Escribo como mujer:
una carta que borda otras lógicas



Beatriz Figueiredo Levy



Doutoranda e mestra em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Pará (PPGA/UFPA). Belém, Pará, Brasil



Diniz, D. (2024).
*Carta de uma orientadora: sobre
pesquisa e escrita acadêmica* (4. ed.).
Civilização Brasileira.

recebido: 03/02/2025 | aprovado: 16/04/2025

Levy, B. F. (2025). Escrevo como mulher: uma carta que borda outras lógicas.
Revista Ética na Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais, 1(1), 55-60.
Autora de correspondência: Beatriz Figueiredo Levy (bia-levy@hotmail.com).



Começo esta resenha da mesma forma que o livro, destacando uma escolha política da autora: escrever no feminino. Debora Diniz apresenta o conceito de “política” na acepção que utilizo aqui, portanto, reproduzo: “. . . isso não é o mesmo que dizer político-partidário. O político é sobre escolhas, preferências e motivações” (p. 59). E, de fato, essa anedota já nos diz muito sobre a trajetória acadêmica da autora, que é antropóloga e professora da Universidade de Brasília (UnB), e, como confessa no livro, sempre quis ouvir as mulheres. Além disso, a escolha de evitar usar sinais gráficos, já que podem dificultar a leitura digital ou a inclusão de pessoas que se relacionam com o texto escrito pela escuta, coaduna com a pesquisa da autora em temas relacionados à deficiência. A autora tem a habilidade de driblar o distanciamento da interlocutora que a frieza dos livros impõe, e é capaz de proporcionar uma experiência agradável através da sua escrita, ainda que perpassasse por alguns temas densos.

O convite ao coletivo é algo constante na carta. Como mulher, que escreve para mulheres, Debora Diniz sabe que a nossa solidão somente interessa à manutenção do *status quo*, em um espaço que não é historicamente concebido para ocuparmos¹. A autora sabe, também, que no coletivo é onde somos mais fortes e construímos nossas redes de acolhimento. E sim, a pesquisa (sobretudo, a escrita) é um processo inevitavelmente individual, mas não precisa ser solitário, esse é o recado principal da carta, ou pelo menos aquele que mais ressoou em mim. Por isso, os grupos de pesquisa são apresentados pela autora, não apenas por aquilo que são oficialmente – espaços para a troca de aprendizado –, mas por aquilo que têm a potência de ser: comunidades de apoio mútuo e troca de afetos.

Debora dá o tom: “minha voz é afetiva, a de quem oferece um café para não deixar nenhuma orientanda perdida ou com pesadelos de desistência” (p. 17), e a leitora é capaz de imaginá-la dessa forma. Ao mesmo tempo, reconhece que é preciso falar das coisas difíceis, como dos abusos de autoridade e das relações de poder e de desigualdade na academia. A autora espera que, a partir desta carta, as futuras gerações possam adquirir mais elementos para identificar e resistir aos maus-tratos no ambiente acadêmico. Com esse movimento, Debora rompe com o pacto acadêmico de silêncio e convivência, e apresenta um material que está longe de ser apenas um manual de como se portar no ambiente universitário, mas que convida à transformação. Ou, em suas próprias palavras: “esta carta não é um minitratado de metodologia resumido em metáforas de bordado ou de cozinha” (p. 68).

A mensagem soa como: devemos aprender a jogar com as regras do jogo, para que consigamos entrar neste espaço, mas, uma vez dentro, não devemos reproduzir sua lógica, e sim transformá-la.

¹ Reconheço-me, aqui, no coletivo das “leitoras imaginadas” pela autora, isso significa que a carta me contemplou e fez sentido para mim de diversas formas e, dessa forma, me situo entre aquelas que gostam do escrito e o consideram importante.



E nada mais propenso à revolução – que Debora nos convida a fazer durante todo o texto – do que a união entre mulheres.

Quando afirmei que o livro não se pretende manualesco, o fiz (não apenas por isso, mas sobretudo) porque Debora rompe com as práticas tradicionais do academicismo. A própria estrutura do livro, em carta, é um chamado à informalidade, que não se apresenta sem propósito, o objetivo aqui é dar a cadência de uma conversa. Afinal, a autora menciona que, durante a escrita, fazia o exercício constante de imaginar suas leitoras, e essa preocupação com a compreensão das leitoras em relação ao que está sendo dito se revela como algo genuinamente presente no texto, que se preocupa em explicar até mesmo aqueles conceitos que nos parecem “óbvios” quando temos uma certa trajetória acadêmica já percorrida.

Também brinca com as regras mais tradicionais e subverte algumas normas com entusiasmo, o que normalmente se distancia da postura de “autoras fortes” (em consonância com o termo utilizado no livro), como é o caso de Debora, mas que também é exatamente um dos elementos que faz o escrito ser tão notável. Essa escolha se apresenta nas alegorias utilizadas pela autora sobre o trabalho da costura e do bordado, que é tanto artesanal quanto coletivo, assim como a orientação. Isso fala sobre com quem a autora se comunica (o bordado é um trabalho associado socialmente ao feminino) e sobre a forma com que a autora se comunica (o uso de alegorias é uma maneira de tornar inteligível uma realidade que para muitas ainda é distante).

A autora não procura definir o gênero do livro, mas apresenta de onde ele parte. Como antropóloga que é, se situa: “esta carta começou a ser desenhada como um diário de encontros e registro das respostas que eu oferecia às perguntas que se repetiam a cada chegada de orientandas” (p. 12). É, portanto, a materialização do exercício feito pela orientadora em anotar as respostas que dava às dúvidas de cada orientanda recém-chegada, às quais não apenas escutou atentamente, mas refletiu profundamente a ponto de produzir uma carta coletiva que possibilite o acesso, a muitas outras, desses tão necessários direcionamentos.

Conforme o título já anuncia, a carta é o resultado do esforço em coletivizar a orientação, o que antes a autora, em tom autocrítico, admite que fazia de forma individualizada. Esse movimento a fez compreender que as inquietações e angústias são compartilhadas por muitas, e que a carta escrita poderia acalmar mais do que sua presença física. A experiência da carta também se tornou comunitária entre as orientadoras, muitas das quais contempladas pelo escrito, o tomaram para si. No entanto, apesar de ter leitoras com mais maturidade acadêmica, a interlocutora para quem Debora escreve é aquela que está no começo da experiência. Essa escolha é também um exercício mental, que condiciona a autora a atentar-se, em sua escrita, para explicar algumas “obviedades” e permitir-se ser repetitiva ao contar aquilo que pode parecer corriqueiro.



Para quem leu as versões anteriores dessa carta, Debora ressalta que, nesta edição, há bem mais do que repetição do que já foi escrito, e isso se deu a partir da interação com as leitoras, principalmente através de seus cursos virtuais. Assim, a autora conseguiu identificar o que ainda precisava ser dito, o que precisava desaparecer da carta e aquilo que precisava mudar de tom. Há também outro fator, de lá para cá muita coisa mudou na comunidade acadêmica, “somos mais diversas, buscamos acolher novas formas de conhecer, explorar e comunicar as pesquisas. Sobrevivemos à pandemia de covid-19” (p. 11). Quanto a esse último marco, é importante destacar que, para Debora Diniz (assim como para todos nós), foi um acontecimento que, a partir das novas dinâmicas de encontros, transformou toda a sua forma de se relacionar, inclusive através da orientação. Ou, como ela prefere identificar essa posição: “acompanhante de escrita e pesquisa de outras pessoas” (p. 12).

A carta é um convite para a passagem da ideia de “meu” para “nosso”, tanto para distanciar-se do ideal do “pesquisador genial de artigos originais e de prêmios internacionais” (p. 12) (propositalmente no masculino), quanto como uma estratégia de proteção e fortalecimento, considerando a dinâmica desigual de poderes que se apresenta na vida acadêmica.

Para a autora, ser uma orientadora “é ser uma escutadeira, uma editora, mas essencialmente uma acompanhante” (p. 12), e com essa última definição demarca o rompimento da lógica vertical e hierárquica que costuma permear as relações entre orientadores e orientandos, demonstrando outras formas possíveis, mais horizontais, de desenvolver essa relação.

Ao falar sobre o que não deve ser um orientador, Debora se refere a essa figura no masculino, e não faz isso por acaso, pois as características narradas descrevem práticas que refletem o poder cis-masculino e racializado branco. E demarca que foram as mulheres, em suas interseccionalidades, que fizeram a cisão dessa lógica de “mando, controle e posse [que] dominou a relação de orientação por muitas décadas” (p. 19). Fato é que a perspectiva de gênero interseccional transformou o fazer acadêmico, teoricamente, epistemologicamente e no campo das relações. Assim, nos convida a pensarmos em outras dinâmicas, mais leves, para essa jornada que, sabemos, costuma ser repleta de abusos.

Essa carta, segundo a autora, é uma combinação de sua experiência pessoal com a observação etnográfica, que, afinal, não são perspectivas excludentes. Assim, Debora, que convida estudantes de diversas áreas para essa comunidade, também não deixa de demarcar sua lente de análise, que é antropológica, e, como tal, identifica o caráter ritualístico da orientação. É sobre o recordatório deste ritual que se trata a carta.

Mas, ainda que seja obrigada a descrever os padrões dessa experiência, Debora se compromete a ser o menos normativa possível, e estimula as elaborações individuais neste percurso. Ou seja, passa pelos ensinamentos normativos sobre métodos e técnicas – os quais define como “um conjunto de falsos segredos sobre a arte da pesquisa” (p. 20) –, sem deixar de dar a devida importância para a



criatividade, porque, afinal, reconhece o caráter artístico desse labor, e a criatividade é como uma assinatura pessoal, que não se aprende nos manuais.

Ainda assim, é preciso que se dê instruções, afinal de contas, para tirar o peso dessa experiência, é necessário que ela seja desmistificada e revirada, em um movimento que Debora indica como o ato de conhecer para subverter. Sabedora daquilo que mais aflige as orientandas, a questão do manejo do tempo é algo que permeia o escrito, mas, nesta edição, sem tanta dureza. Agora, a autora dedica mais atenção aos mecanismos de otimização do tempo, sem negligenciar os momentos de descanso.

É notável que, para esta versão da carta, a autora considerou a potência que reside em se permitir escutar e aprender com as contribuições das leitoras. Entre aquilo que incorporou, não reside apenas a maior sensibilidade e o acolhimento no tom, mas também o aceite dos inevitáveis recursos virtuais que permeiam a realidade acadêmica. Precisamos falar sobre inteligência artificial, tanto de suas contribuições como sobre os perigos, precisamos falar de ferramentas que otimizam o tempo, fazendo aquilo que antes realizávamos manualmente, mas também dos limites éticos de seu uso e das responsabilidades que se impõem. Ao fazê-lo, a autora demonstra estar atenta aos dilemas que permeiam os tempos atuais, afinal, o compromisso de romper com a lógica tradicional é expresso, portanto, não se reforça o ideal do pesquisador sobrecarregado, que precisa realizar tarefas extenuantes. É possível apropriar-se das tecnologias como aliadas, desde que os cuidados sejam observados.

A carta percorre os medos, as responsabilidades e o papel ativo da orientanda (que se situa nesse coletivo como um sujeito, e não como assujeitado). Fala sobre disciplina e nos recomenda a distribuir as ideias em cadernos, batizados de vaga-lumes, canteiro de obras e diário de campo. Passa pelas trivialidades do processo criativo, dizendo o bê-a-bá sobre a escolha do tema, a definição do problema de pesquisa, bem como a maneira por meio da qual essa definição deve estar relacionada com as nossas inquietações. Lembra-nos de atualizar o currículo *lattes* e guardar os seus comprovantes. Compartilha conselhos sobre a assinatura acadêmica, e sobre como buscar e acessar uma orientadora. Oferece dicas práticas, como as pausas para caminhadas quando as ideias estão emaranhadas, e as cartelas cartesianas para desfazer o “bolôlo”. Adverte sobre a ilusão da perfeição e o espelho da impostora, reconhecendo a sensação de despertencimento que assola, demasiadamente, as mulheres e pessoas diversas, e nos ensina mecanismos para lidar com essa angústia. Explica sobre leitura e escrita, e sobre como para ser uma boa escritora é preciso, antes, ser uma boa leitora. Por fim, faz o que eu considero o que há de mais precioso nesta carta: fala sobre os outrora “não ditos”, os desencontros, os conflitos, os abusos e as falhas.

Algo muito importante que Debora faz é abrir mão da sacralidade que rodeia os professores conceituados, compartilhando, sem qualquer tom de demérito, as experiências que viveu quando



estava no lugar de “orientanda”, que a leitora ocupa. Assim, cria uma conexão a partir da identificação, e nos lembra de algo que é normalmente esquecido: antes de ser orientadora, a “autora forte” também precisou passar pela graduação e escrever uma monografia, após, uma dissertação de mestrado e, após, uma tese de doutorado. Não existe um abismo de hierarquia intelectual nessa equação. Debora acaba se despiando dessa vaidade e convida-nos a pensar no que é mais uma obviedade não dita: o que separa uma pessoa com mais titulações acadêmicas de uma pessoa que está sendo introduzida neste ambiente é o tempo e, claro, os desejos de cada um. Ao fim, ecoa a mensagem, repetida tantas vezes no decorrer da carta: “você não estará sozinha”, como uma voz de afago que nos guia quando nos sentimos perdidas, e se acende uma faísca de que, “juntas, inventaremos outras formas de fazer” (p. 161).